

“ENTRE SANTOS”: A VACILAÇÃO E A AMEAÇA DO FANTÁSTICO EM MACHADO DE ASSIS

ANDRÉ KARASCZUK TANIGUCHI*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras, São Paulo, SP, Brasil.


Recebido em: 6 out. 2025. Aceito em: 6 fev. 2026.

Como citar este artigo: TANIGUCHI, A. K. “Entre santos”: a vacilação e a ameaça do fantástico em Machado de Assis. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 26, n. 1, p. 30-41, jan./abr. 2026. DOI: 10.5935/cadernosletras.v26n1p30-41

Resumo

O presente artigo analisa o conto “Entre santos”, de Machado de Assis, à luz das teorias do fantástico de Todorov (2014) e Roas (2013). O estudo evidencia como o autor constrói a vacilação entre realidade e sobrenatural, associando tensão, dessacralização e ambiguidade moral dos santos à ameaça do fantástico. Evidencia-se que, embora geralmente associado ao Realismo, Machado também recorreu ao insólito ficcional em sua produção, contribuindo para leituras que transcendem o plausível e sugerem a presença do sobrenatural.

* E-mail: andrekaraszuk@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2182-0385>

Palavras-chave

Fantástico. Machado de Assis. Literatura brasileira.

INTRODUÇÃO

É de senso comum que Machado de Assis (1839–1908) é considerado um dos escritores inauguradores do Realismo no Brasil. No entanto, tal afirmação não está isenta de questionamentos. Seu grande romance, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), é narrado por um protagonista morto, recurso completamente fora de qualquer possibilidade no mundo real. Mas não apenas isso: a produção de Machado é constantemente incluída em coletâneas de contos de horror brasileiros, como *Medo imortal* (2019, Editora Darkside) e *As melhores histórias brasileiras de horror* (2018, Editora Devir), ambas reunindo duas ou mais narrativas machadianas. Entre essas, destacam-se “A igreja do diabo”, “A vida eterna” e “A causa secreta”.

Naturalmente, não basta rotular tais narrativas como “insólitas”, “fantásticas” ou “de horror” sem critérios mais precisos. Contudo, em um primeiro momento, é possível afirmar que Machado de Assis não se limitava ao Realismo: recorria ao sobrenatural e a temas sombrios em suas histórias — se não com frequência — ao menos com relevância suficiente para justificar sua presença em coletâneas recentes e em novas pesquisas críticas.

Como estabelecem Santos e Pina (2009), Machado de Assis oferecia uma literatura que ultrapassava o entretenimento, proporcionando ao leitor uma ficção que exigia uma postura interpretativa ativa; não necessariamente fundada no duplo sentido, mas na abertura a múltiplas possibilidades. Um dos mais icônicos romances do autor, *Dom Casmurro* (1899), exemplifica essa questão ao permitir uma leitura aberta sobre determinados eventos da narrativa. No caso do insólito — entendido como um modo narrativo no qual a própria realidade é colocada em xeque —, a gama de possíveis interpretações é naturalmente ampla, algo observável em E. T. A. Hoffmann (1776–1822) e outros autores. Machado, como homem de seu tempo, era ciente dessa crescente tradição insólita e trabalhou em sua obra narrativas de natureza similar.

Ausente das republicações supracitadas, o conto “Entre santos”, presente no livro *Várias histórias* (1896, originalmente publicado no jornal *Gazeta de*

*Notícias*¹), pode ser lido como uma narrativa insólita ou fantástica, flertando em diversos momentos com o horror. Em “Entre santos”, acompanhamos a lembrança de um capelão sobre um acontecimento “extraordinário” que se revela, no desenrolar da trama, como algo plenamente insólito: as estátuas dos santos de sua igreja ganham vida e passam a conversar sobre as orações do dia. Nesse momento, a narração se desloca para um dos santos, que assume a voz e relata a história de um fiel. Após o desfecho desse episódio interno, o foco retorna ao capelão, encerrando sua aventura noturna.

Embora a premissa pareça simples, Machado articula a narrativa em várias camadas: a construção inicial da tensão, típica das narrativas de horror; a irrupção do sobrenatural; o encaixe de um segundo plano narrativo (a conversa entre os santos); a introdução de um terceiro plano (a história do fiel); e, por fim, a conclusão, que reforça o caráter do fantástico puro no conto.

Considerando essa amplitude de possibilidades críticas, a proposta deste artigo é analisar “Entre santos” à luz das teorias do fantástico de Todorov (2014) e Roas (2013), com apoio de outras inserções teóricas pontuais. Considerando a menor visibilidade desse conto em relação a outras narrativas machadianas associadas ao insólito, uma análise aprofundada torna-se relevante não apenas para sua valorização crítica, mas para o refinamento do entendimento do lugar que esse texto ocupa no conjunto da obra machadiana. Como ponto de partida, apresentam-se alguns conceitos sobre o insólito e o fantástico, relacionando terminologias, efeitos de sentido e questões formais. Em seguida, investiga-se o conto machadiano, que apresenta o sobrenatural com maior ambiguidade do que aparenta em uma primeira leitura.

SOBRENATURAL, INSÓLITO FICCIONAL E FANTÁSTICO

Com a crescente popularização das discussões sobre o sobrenatural na literatura — tanto em pesquisas acadêmicas quanto entre o público geral —, observa-se um uso indiscriminado de termos como “insólito ficcional”, “fantástico”, “fantasia”, entre outros. Consideremos o primeiro termo: o insólito, definido pelo dicionário *Michaelis* (versão *on-line*) como “anormal”, refere-se ao que podemos entender como sobrenatural ou, mais amplamente, como algo fora do padrão.

¹ Para este artigo, utilizaremos sua versão digital, publicada pela Martin Claret em 2013.

Nesse sentido, o insólito ficcional busca reunir, em uma única “família”, narrativas em que um evento ou elemento sobrenatural se faz presente, independentemente de sua confirmação (se é sonho, ilusão ou existência efetiva do sobrenatural). O termo tem ganhado destaque nos debates recentes, sobretudo nos estudos brasileiros. Para Matangrano e Tavares (2018, p. 20), o insólito funciona como uma macrocategoria que engloba todas as manifestações sobrenaturais na literatura, deixando de lado classificações mais restritivas como “fantástico” ou “maravilhoso”: “O termo ‘insólito’ apresenta-se, portanto, como macrocategoria, abrangendo diferentes nuances entre as diversas vertentes do chamado ‘fantástico’”.

A ideia do insólito ficcional parte da divisão básica entre duas formas de ficção: uma realista, de caráter mimético, que privilegia o plausível; e outra não realista, insólita, baseada em elementos sobrenaturais. Nesse sentido, qualquer manifestação sobrenatural em um texto justificaria sua inclusão na macrocategoria do insólito. Ainda assim, é possível estabelecer distinções internas, uma vez que dois tipos de narrativa se destacam: horror e fantasia. Embora o horror não dependa necessariamente do sobrenatural, boa parte de suas histórias o incorporam, o que o aproxima, em parte, da fantasia — gênero que, por sua vez, explora o sobrenatural de modo diferente.

Em contrapartida, Tzvetan Todorov (1939–2017) apresenta uma perspectiva mais restritiva sobre o sobrenatural na literatura. Em *Introdução à literatura fantástica*, Todorov (2014) formula uma hipótese acerca das definições e dos limites do gênero. Opondo-se à noção de um insólito ficcional unificado, Todorov (2014, p. 30-31) sustenta que o fantástico exige requisitos específicos:

[...] ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural.

Assim, uma narrativa genuinamente fantástica deve produzir um efeito de dúvida ou vacilação. Diante do suposto sobrenatural, o personagem (e, por extensão, o leitor) não consegue decidir se o evento é mágico ou se há uma explicação racional. É nesse sentido que contos como “A Vênus de Ille” (1837), de Prosper Mérimée, são considerados fantásticos: nem o protagonista nem o leitor conseguem determinar se a estátua de bronze da deusa Vênus realmente ganha vida e mata um homem ou se existe uma justificativa natural para a morte.

Todorov (2014, p. 53, 60) também distingue dois desdobramentos do fantástico: o estranho e o maravilhoso:

O estranho realiza, como se vê, uma só das condições do fantástico: a descrição de certas reações, em particular do medo; está ligado unicamente aos sentimentos das personagens e não a um acontecimento material que desafie a razão.

[...].

No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude de para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos.

Dessa forma, enquanto o estranho explica racionalmente o sobrenatural (como sonho, miragem, loucura), o maravilhoso o assume de forma naturalizada. Por isso, Todorov relaciona os contos de fadas ao maravilhoso, pois os eventos mágicos neles não provocam espanto, sendo aceitos sem questionamento. Nesse sentido, pode-se aproximar o maravilhoso todoroviano do gênero fantasia.

David Roas (2013, p. 41-42), em *A ameaça do fantástico*, critica a definição de Todorov por ser excessivamente limitadora, uma vez que exclui narrativas que confirmam a presença do sobrenatural sem manter o efeito de vacilação. Para Roas (2013), o fantástico só pode ser explicado pelo sobrenatural, pois o inexplicável não se racionaliza. Assim, mesmo quando a dúvida se desfaz, o fenômeno fantástico subsiste, justamente porque transgredir nossa realidade.

Apesar de fundamentais, as considerações de Todorov mostram-se restritivas diante da variedade de manifestações do fantástico. Nesse contexto, Roas (2013, p. 31) propõe um conceito mais amplo: “A narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural, mas não como evasão, e sim, muito pelo contrário, para interrogá-lo e fazê-lo perder a segurança diante do mundo real”. Para o autor, o elemento-chave do fantástico é a ameaça ao real. O sobrenatural deve abalar a percepção de mundo do leitor e dos personagens. Dessa forma, o universo narrativo precisa ser o mais próximo possível da realidade empírica, já que a força do fantástico reside na ruptura desse pacto de verossimilhança.

Ainda assim, Roas não defende um fantástico “unificado”. Para ele, é preciso distinguir o maravilhoso do fantástico. A diferença está na questão da transgressão:

Mas que transgressão pode estabelecer o mundo dos contos de fadas ou um mundo como o que Tolkien criou? O lugar em que transcorrem as ações de *O senhor dos anéis* não tem nada a ver com o funcionamento físico do nosso mundo, do que se deduz que nada do que ali aconteça pode ser sentido como ameaçador para a estabilidade de nossa realidade (Roas, 2013, p. 44).

Nesse ponto, a definição de Roas para o maravilhoso aproxima-se da de Todorov, já que ambos se apoiam nos efeitos das narrativas. O maravilhoso se sustenta em indagações como: “Trata-se de um ‘mundo secundário’ ou de uma representação do mundo real?”, “O sobrenatural é aceito como parte da realidade?” e “Como se articula o conflito central?”.

Uma das formas de diferenciar o fantástico do maravilhoso, segundo Roas (2013, p. 61), está no desfecho: histórias maravilhosas tendem a finalizar com um tom positivo, enquanto narrativas fantásticas frequentemente se encerram em ambiguidade, morbidez ou alucinação.

Diante dessas considerações teóricas, podemos refletir acerca do conto machadiano “Entre santos”, uma vez que seu desfecho reúne justamente dois dos efeitos discutidos: a ambiguidade e a alucinação.

OS SANTOS DE MACHADO

Considerando as teorias apresentadas, o conto “Entre santos” (Assis, 2013) é claramente uma narrativa fantástica, seja pelos critérios de Todorov (2014) ou de Roas (2013). Não há indícios que o aproximem do maravilhoso, uma vez que a dúvida e a ameaça à realidade estão presentes desde o primeiro parágrafo até o encerramento. Como vimos na introdução, o capelão — protagonista do conto — inicia sua narrativa em tom de tensão e mistério. No desfecho, após presenciar o despertar dos santos e ouvir suas histórias, desmaia, sem saber ao certo se sua aventura da noite anterior foi sonho ou realidade: “Depois, não pude ouvir mais nada. Caí redondamente no chão. Quando dei por mim era dia claro... Corri para abrir todas as portas e janelas da igreja e da sacristia, para deixar entrar o sol, inimigo dos maus sonhos” (Assis, 2013, pos. 269).

Há, entretanto, muito mais do que o desfecho a considerar quando discutimos a presença do fantástico. A ameaça do sobrenatural é construída gradualmente, e a linguagem desempenha papel central nesse processo. Basta

observar a frase de abertura: “Quando eu era capelão de S. Francisco de Paula (contava um padre velho) aconteceu-me uma aventura extraordinária” (Assis, 2013, pos. 145).

Em uma única sentença, o leitor já é conduzido aos rumos da narrativa. O uso da primeira pessoa indica um relato pessoal, uma experiência vivida. A expressão entre parênteses — “contava um padre velho” — sugere maturidade ou até certo grau de senilidade do narrador. Mas o elemento mais significativo é a promessa de uma “aventura extraordinária”, que desde o início estabelece o tom insólito da trama.

Todorov (2014, p. 45) ressalta que a narração em primeira pessoa confere ao relato maior proximidade, pois o pronome “eu” pertence a todos. Tal estratégia sugere um testemunho palpável, empírico, e reforça o efeito de tensão característico do fantástico.

Em “Entre santos”, a narração em primeira pessoa predomina no início e no final do conto, mas o trecho central se distingue pelos encaixes narrativos — que discutiremos adiante. Ainda assim, a introdução conduzida pelo capelão estabelece um clima de apreensão típico de uma narrativa fantástica, e essa tensão só se dissipa momentaneamente com a revelação dos santos — cuja própria presença adquire tons macabros.

Logo no segundo parágrafo, o capelão descreve seus hábitos noturnos: morava ao pé da igreja e sempre verificava se as portas estavam fechadas. Numa dessas noites, porém, avista luzes sob as portas:

Corri assustado à procura da ronda; não a achei, tornei atrás e fiquei no adro sem saber que fizesse. A luz, sem ser muito intensa, era-o demais para ladrões; além disso, notei que era fixa e igual, não andava de nenhum lado para outro, como seria a de velas ou lanternas de pessoas que estivessem roubando. O mistério arrastou-me; fui para a casa buscar as chaves da sacristia (o sacristão tinha ido passar a noite em Niterói), benzi-me primeiro, abri a porta e entrei (Assis, 2013, pos. 145).

Esse fragmento introduz alguns indicativos de que algo sobrenatural assombra a igreja. Primeiramente, o relato ocorre durante a noite, em uma igreja completamente vazia; o narrador, então, nota a luz, que de forma alguma poderia ser de algum ladrão devido à falta de movimento. Não havendo outra opção, o capelão busca a chave da igreja e se benze antes de entrar, atitude esta que indica não apenas o medo, mas também a certeza quase absoluta de que algo realmente está fora do normal.

A construção da tensão continua nos próximos parágrafos, o capelão se sente extremamente ameaçado pela presença misteriosa: “Detive-me logo. Com efeito, só então adverti que viera inteiramente desarmado e que ia correr grande risco aparecendo na igreja sem mais defesa que as duas mãos” (Assis, 2013, pos. 153). Retomando o pensamento de Roas (2013), é notável que a sensação de ameaça é um dos traços principais para a construção do efeito fantástico, a realidade deixa de ser um plano seguro e previsível, e qualquer possibilidade se torna plausível a partir de então. É o que o próprio narrador considera algumas linhas após a última citação: “Como naquele tempo os cadáveres eram sepultados nas igrejas, imaginei que a conversação podia ser de defuntos” (Assis, 2013, pos. 153); em meio a uma ameaça sobrenatural, o capelão sequer descarta a ressurreição dos mortos, além de lamentar o fato de não possuir nenhum armamento para se defender.

O desenvolvimento chega ao seu clímax no fim do parágrafo, quando a tensão atinge seu maior grau até então, e todo o mistério é revelado: “Encomendei-me a Deus, benzi-me outra vez e fui andando sorratamente, encostadinho à parede, até entrar. Vi então uma coisa extraordinária” (Assis, 2013, pos. 160). Replicando o primeiro parágrafo do conto, o narrador novamente utiliza a palavra “extraordinária” para descrever a situação, porém não antes de repetir o ato de benzer-se em direção ao sobrenatural. Muito embora o desenrolar da trama tenha transmitido o efeito de apreensão mais próximo do horror, o termo “extraordinário” antecipa que o mistério não é, de fato, algo apavorante, mas sim algo incrível ou surpreendente.

É a partir desse momento que os santos são revelados:

Dois dos três santos do outro lado, S. José e S. Miguel (à direita de quem entra na igreja pela porta da frente), tinham descido dos nichos e estavam sentados nos seus altares. As dimensões não eram as das próprias imagens, mas de homens. Falavam para o lado de cá, onde estão os altares de S. João Batista e S. Francisco de Sales. Não posso descrever o que senti. Durante algum tempo, que não chego a calcular, fiquei sem ir para diante nem para trás, arrepiado e trêmulo. Com certeza, andei beirando o abismo da loucura, e não caí nele por misericórdia divina. Que perdi a consciência de mim mesmo e de toda outra realidade que não fosse aquela, tão nova e tão única, posso afirmá-lo (Assis, 2013, pos. 160).

As estátuas dos santos ganham vida, porém em tamanho de homem, e não de escultura, indicando uma espécie de dessacralização das figuras. No

entanto, o evento em si continua complemente sobrenatural; considerando os conceitos de Todorov (2014), o fragmento anterior é o fantástico em sua mais pura forma. Os santos tomam vida, mas a veracidade do fato é questionada pelo narrador no mesmo parágrafo: “andei beirando o abismo da loucura”. Como já apontamos, não nos é revelada a veracidade do relato; uma vez que o narrador conclui o conto sem nenhuma resposta, permanecemos na “tensão” entre o real e o irreal, a qual é o efeito definido por Todorov (2014) como o fantástico puro.

Mesmo em dúvida, o capelão aplica todos os seus esforços para não ser visto pelos santos e, escondido em um dos cantos da igreja, passa a escutar a conversa deles:

Compreendi, no fim de alguns instantes, que eles inventariavam e comentavam as orações e implorações daquele dia. Cada um notava alguma cousa. Todos eles, terríveis psicólogos, tinham penetrado a alma e a vida dos fiéis, e desfibravam os sentimentos de cada um, como os anatomistas escarpelam um cadáver. S. João Batista e S. Francisco de Paula, duros ascetas, mostravam-se às vezes enfadados e absolutos. Não era assim S. Francisco de Sales; esse ouvia ou contava as cousas com a mesma indulgência que presidira ao seu famoso livro da *Introdução à Vida Devota* (Assis, 2013, pos. 176).

Esse fragmento revela que a tensão entre o real e o irreal é apenas uma parte do conflito apresentado no conto; uma outra questão surge: a ameaça dos santos. Não necessariamente uma ameaça física, mas a forma como as figuras santificadas são descritas sugere aspectos sinistros que seriam inconcebíveis nas versões canonizadas de tais personagens. Um efeito sombrio, e até mesmo grotesco, invade a descrição dos santos, que “inventariavam e comentavam as orações”, como se cada súplica fosse um mero número, uma fração para um levantamento ao final do dia. Ao serem descritos como “terríveis psicólogos”, essas figuras sofrem uma dessacralização: já não são seres santificados. O uso do adjetivo “terrível” é pouco comum para um personagem religioso; no entanto, o conto machadiano busca manter a tonalidade sombria da narrativa ao atribuir algo terrível a um santo.

Não obstante, os santos também “desfibravam os sentimentos de cada um” da mesma forma que anatomistas “escarpelam um cadáver”. Novamente, encontramos descrições de ações fora do “universo” dos santos; não se imagina um santo desfibrando sentimentos como se fosse um cadáver a ser

escalpelado. No senso comum, um santo seria um confidente ou um intermediário entre Deus e o fiel. Nota-se, portanto, que as figuras santificadas no conto de Machado sofrem uma espécie de rebaixamento, uma dessacralização. A associação entre os santos e o escalpelamento de cadáveres, inclusive, contribui para toda a construção sombria estabelecida pela narrativa até então, reforçando a ameaça do sobrenatural.

O prosseguimento do conto, a partir de então, reforça a ambiguidade moral dos santos. É também nesse momento que “Entre santos” realiza o processo denominado “encaixe” por Todorov (2011, p. 123) em *As estruturas narrativas*, ou seja, uma primeira história sendo englobada por uma segunda. Em um primeiro momento, o narrador do conto é o capelão, mas, após a introdução dos santos, duas novas narrativas se sobrepõem à primeira: a conversa entre os santos e a narração de S. Francisco de Sales sobre um de seus fiéis.

Nesse segundo plano narrativo, os santos discutem as orações e fazem comparações entre fiéis. A breve discussão introduz o leitor a alguns traços das personalidades dos santos, como a descrença na humanidade por parte de S. João ou a fé nos homens de S. Francisco de Sales. O segundo encaixe contribui não apenas para a caracterização dos santos — seja por sua humanização ou dessacralização —, mas também para a “legitimação” da existência desses seres. As personalidades próprias e os muitos causos narrados contribuem para uma espécie de solidificação dessas figuras, fazendo com que a situação não pareça apenas um delírio do capelão.

No entanto, a própria natureza da ameaça continua questionável, além de sua já discutida existência. Os santos são figuras ambíguas, principalmente em decorrência de suas descrições e pelo fato de discutirem entre si as orações dos fiéis, as quais deveriam estar em sigilo. Não é possível afirmar se são realmente santos, demônios disfarçados ou estátuas. O conto é pouco claro nesse sentido, aumentando as dúvidas do protagonista — e permitindo a livre interpretação por parte do leitor. Assim, temos o processo de vacilação pautado por Todorov (2014) em conjunto com o sentimento de ameaça proposto por Roas (2013). Nesse sentido, ao articular dúvida, ameaça e dessacralização, Machado de Assis (2013) constrói em “Entre santos” uma narrativa típica do fantástico, cuja ambiguidade persistirá até o desfecho e é essencial para o efeito causado no leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a reflexão acerca de “Entre santos” desenvolvida neste artigo, é possível categorizar o conto machadiano como um exemplo de fantástico em sua forma mais pura, sobretudo quando se consideram as teorias de Todorov (2014). A vacilação testemunhada pelo capelão não se desfaz em nenhum momento da narrativa, sustentando argumentos tanto para a confirmação quanto para a negação do evento sobrenatural.

Por um lado, todo o episódio é narrado em minúcias, com cada santo manifestando sua própria personalidade e comentando as orações recebidas; tal detalhamento poderia ser interpretado como uma espécie de confirmação do acontecimento, uma vez que seria improvável que uma alucinação do capelão apresentasse tamanha complexidade. Por outro lado, é igualmente plausível considerar que tudo não tenha passado de um sonho, em que os relatos dos santos representariam apenas lembranças das preces escutadas durante o dia ou fragmentos de possíveis confissões. Soma-se ainda a hipótese de que, já idoso no momento do relato, o narrador estivesse acometido por delírios.

Nesse sentido, identificar a veracidade dos fatos narrados mostra-se inviável do ponto de vista investigativo, pois diversas possibilidades coexistem no conto, todas com certa legitimidade. O fantástico puro, como definiu Todorov (2014, p. 30), ocorre justamente nessa incerteza, na impossibilidade de confirmar ou negar definitivamente os relatos. Caso houvesse uma resolução inequívoca, “Entre santos” se enquadraria em uma das alternativas sugeridas por Todorov: o estranho, se houvesse a negação do sobrenatural; ou o maravilhoso, caso fosse confirmada sua veracidade.

Não obstante, cabe também considerar a “ameaça do fantástico” proposta por Roas (2013), igualmente pertinente à análise: não há estabilidade na realidade do capelão. Desde a abertura da narrativa, antecipa-se um evento extraordinário permeado por sinais sombrios; após a revelação dos santos, o efeito de tensão não se dissipa, já que as próprias figuras reveladas permanecem ambíguas. Nesse ponto, o desfecho de “Entre santos” reforça a correspondência com as formulações de Roas acerca do fantástico, em que o sobrenatural atua como ameaça constante à segurança da realidade.

Embora recorrentemente associado ao Realismo, Machado de Assis demonstra, em “Entre santos” – e em outros contos –, que o fantástico também compôs sua obra, ainda que em menor proporção e com menor reconhecimento

crítico. Resgatar essa presença do insólito ficcional em Machado, e na literatura brasileira como um todo, contribui para ampliar o horizonte de leitura de sua produção, revelando camadas que transcendem o mero realismo e o inscrevem também no território do insólito e do sobrenatural.

“Entre santos”: hesitation and threat of the fantastic in Machado de Assis

Abstract

This article analyzes Machado de Assis’s short story “Entre santos” published in 1896 through the lens of Todorov’s (2014) and Roas’s (2013) theories of the fantastic. It highlights how the author constructs the hesitation between reality and the supernatural, linking tension, desacralization, and moral ambiguity of the saints to the threat of the fantastic. This study shows that, although often associated with Realism, Machado also employed the fictive uncanny in his work, opening readings that transcend plausibility and that suggest the presence of the uncanny.

Keywords

Fantastic. Machado de Assis. Brazilian literature.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. *Várias histórias*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

MATANGRANO, B. A.; TAVARES, E. *Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo*. Curitiba: Arte e Letra, 2018.

ROAS, D. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SANTOS, O. M. S. dos; PINA, P. K. da C. O insólito na narrativa machadiana, representado no conto “Um esqueleto”. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1., 2009, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: Edufu, 2009. v. 1.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2014.